

Ocaso

da Ribeira

Festa de largo reúne pouco mais de mil foliões e corre o risco de ficar apenas na lembrança

Reinaldo Braga

Na capital que é cada vez mais a cidade do já foi, quando o assunto é festa de largo, a Segunda-feira Gorda da Ribeira corre o risco de ficar apenas na lembrança do baiano, como as extintas Lavagem da Pituba, Festa da Lapinha e a Lavagem de Santa Luzia. A festa da Ribeira já foi uma das mais tradicionais do calendário baiano, reunindo algumas das principais atrações do Carnaval baiano como o Trio Tapajós e o Trio da Saborosa (já extinto), e tinha status de festa de largo. Agonizando, a celebração, que reuniu na tarde de ontem pouco mais de mil foliões, segundo a Polícia Militar (PM), já foi também o ponto de encontro de gente que botava a cadeira na calçada para ver a banda passar.

"A gente ficava esperando na porta de casa as atrações. Havia bandas e vários grupos de música e percussão", lembra a dona de casa Maria Carolina da Silva, a dona Canu, 63 anos. Segundo ela, a festividade começava logo após a Lavagem do Bonfim. Os foliões vinham direto da Colina para abrir os festejos. "Era uma festa de família. Todo mundo participava", conta dona Canu, que diz participar da celebração há mais de 40 anos. Entusiasta da Segunda-feira Gorda, ela diz que a decadência começou com a retirada dos trios elétricos.

"Há dois anos, nenhuma atração se apresenta aqui. Sei que a festa já está praticamente morta, mas gosto disso aqui. Gosto de muvuca", define a barraqueira Sônia Oliveira. Acordada pela

reportagem (ela dormia em um colchão improvisado dentro da barraca, em plena tarde de sol da Ribeira), Sônia esperava um movimento ainda mais fraco esse ano em relação a festa do ano passado. "Quem já veio à Segunda-feira Gorda de antigamente não tem como tirar da memória a lembrança de uma festa cheia de batucada e gente animada", recorda o aposentado Brás Vieira, enquanto observava de longe o fim de linha vazio do bairro da Ribeira.

"Tem mais isopor do que gente. Só vem mesmo quem não tem o que fazer", comenta a moradora Janete Machado, em alusão à "fila" de caixas térmicas colocadas pelos ambulantes em cada trecho da folia. Ao redor, ao contrário das grandes festas da cidade, nenhum sinal dos fiscais da prefeitura, os rapas. "Esse é o primeiro sinal de que uma festa está acabando", filosofa o aposentado Gumerindo dos Santos. "Quando nem o rapa tem interesse de vir para a festa é porque a coisa está feia", acredita ele, para quem a Segunda-feira Gorda da Ribeira já deveria ter "morrido de vez".

"Se é para continuar desse jeito, é melhor extinguir. Não tem sentido uma festa sem trio elétrico", reforça a moradora Janete. Em sua opinião, a celebração chegou perto do fim por falta de apoio do poder público. "Enquanto eu for viva, gostaria que a festa continuasse. É uma tradição da Ribeira", comenta dona Canu, que perdeu as contas das vezes que visitava o largo, nos dias de festa, para ver as bandas de samba se apresentarem. "Foi uma época muito boa. Mas só ficou a saudade".



Segunda-feira Gorda da Ribeira, que já foi uma das mais tradicionais da cidade, atrai cada vez menos gente